

Casa de bebidas e comidas, a CAV lançou em grande estilo um *menu sofisticado*

PAG. 4



Arthur Benazzi e Natália foram os perfeitos anfitriões da degustação de um novo menu da CAV

Nascido na Paraíba e criado no Maranhão, Denilson Lima virou *confeitiro da moda*

PAG 8



Alicia Cohim/Divulgação



FILHO de Grajaú (MA), o bailarino Marcos Sousa, de apenas 18 anos, é o primeiro brasileiro a entrar para o corpo de baile vitalício da Ópera Nacional de Paris

PAG. 6

O Campo de Perizes, com sua extensa planície fluviomarina em campos halófilos de várzea, amanheceu na janela do ônibus executivo com o veludo verde do chão pontilhado de tufos de árvores e banhado pelo ouro da alvorada de um dia inesquecível. Espelhos gêmeos, o céu fazia par com o campo, e, depois de algumas horas de viagem, minha cidade começou, aos poucos, se apresentando, primeiro nas casas esparsas, depois nas longas e estreitas ruas, e finalmente no mar de abraços das pessoas, que expressaram a generosidade de uma terra intacta e eterna.

Disse naquela hora que talvez não acreditassem em mim quando contasse que estávamos reunidos na calçada em frente da Igreja Matriz de São Sebastião, um espaço urbano recuperado e com as casas modificadas. Éramos alguns sobreviventes de uma fase de ouro da cidade, debatendo o que era melhor para Presidente Dutra.

Quando chegou a minha vez de falar, lembrei que foi no mesmo tipo de calçada, na nossa casa na rua Magalhães de Almeida, onde nos reuníamos para contar causos, debater política e música, atraindo visitantes de todos os quadrantes, vizinhos e parentes, todos em volta de um grupo de jovens reunido sob a lua, as estrelas e as luzes dos candieiros da cidade.

Naquela calçada, naquele momento, num

BELA VIAGEM
de volta às origens ou ao princípio do mundo com uma janela aberta

espaço onde pontificam os postes de luz, diante do prédio da Escola Paroquial São Bento, onde aprendi a ler e a escrever, fui tomado pela grandeza do momento e travei no meio das frases, impossibilitado de levar adiante tudo o que sentia. Mas me recuperei depois e tive o prazer de dar entrevistas para as rádios locais, emissoras que me ensinaram a gostar de música e do Brasil.

Era um fim de semana e a cidade vivia um clima de festa. Fui saudado pelo prefeito municipal e aplaudido pela multidão reunida numa casa de eventos, a Avenida House, numa demonstração de carinho que nem nos meus mais loucos sonhos tinha imaginado. Foi absolutamente indescritível.

Ouço de um antigo morador da cidade: o que nossa cidade quer agora é reconhecer seus talentos, reaprofundar sua autoestima, projetar-se como centro turístico. Encontrei pessoas que há décadas não via. Um me disse: “vim para te cumprimentar, talvez tu lembre de mim, sou teu amigo há muitos anos”. Veio uma professora que diz colocar meus poemas entre seus alunos, que gostam sempre de apresentarem poesia feita por mim como se fosse deles, o que é uma homenagem sincera e profunda da meninada num pedaço da região dos cocais, que é o Maranhão no que ele tem de mais sincero, transparente e profundo.

Outro encontro emocionante foi com os irmãos Noveli e Afonso Sereno, que tiveram

a coragem de ficar por lá, criaram filhos e não arredaram os pés daquelas terras onde balançam as folhas das palmeiras nativas de babaçu. Encontrei velhos amigos num bar que frequentei quando ainda era muito jovem, e quando me reconheceram me abraçaram como nunca. Todos esses encontros orquestrados pelo meu querido amigo André Jardins, já no terceiro mandato como vereador da cidade.

Tive também o prazer de fazer um tour memorialístico e poético pela cidade antiga e por suas ruas e avenidas. Deixei-me fotografar diante da casa da minha infância e andei pelos lugares novos e antigos, especialmente lá onde repousa a memória e a saudade dos meus pais, irmãos, avós e tios. Visitei também a Igreja-Matriz de São Sebastião, que ainda abriga alguns afrescos pintados pela Irmã Assunta que por si só já justificam uma visita a Presidente Dutra. Foi tudo muito intenso e maravilhoso e sobre essa viagem falarei mais num livro que estou escrevendo e que é a síntese do que senti e vivi lá. Houve também vários outros momentos de grande emoção, com os amigos dos meus pais falando coisas que guardarei para sempre.

Essa foi a viagem da minha vida e a ela estarei sempre retornando, como uma visita permanente a um território mítico, do qual faço parte, com muito orgulho.

Fotos/ DivulgaçãoHerbert Alves



O Repórter PH entre Itaquê Mendes Camara e Luiz Raimundo Campos Paes no Mamma Restaurante

VIDA NOTURNA

Graças à visão empresarial de José Sobral Neto e Gabrielle, a vida noturna de São Luís ganhou ótimas opções para os que gostam de comer bem e se divertir.

Dois endereços comandados pelo casal – o Mamma Restaurante, no Calhau, e o Grand Cru, na Ponta d’Areia – com música ao vivo e uma comida deliciosa, estão sempre lotados.

Nos fins de semana, então, as duas casas borbulham, como aconteceu no primeiro fim de semana de agosto.



Déia Trinta Paes ao lado de Glória Medina Camara



Médicos do Maranhão e de outros estados, que vieram para o Congresso Norte/Nordeste de Cardiologia, realizado no Blue Tree Hotel São Luís, promoveram confraternização no Grande Cru. Da esquerda pra direita: o Dr. Márcio Barbosa e Flávia (MA), Dr. Breno Falcão e Christine (CE), Dr. Gustavo Gama e Gabriela (MA), Dr. Gustavo Moraes e Priscilla (PB) e Dr João Luiz e Dra. Sandra Falcão (CE)



Márcio Barbosa e Flávia (ele foi o presidente do Simpósio de Hemodinâmica do evento)



Gustavo Gama e Gabriela



Breno Falcão e Christine com Gustavo Moraes e Priscilla



De volta à noite, Morgana Storm cantou e encantou

CINEMA

Filhos de Istambul



Bá algum tempo um amigo fez-me uma recomendação: que eu não deixasse de ver na Netflix a história de Mehmet, o drama de um líder dos coletores de papelão de um bairro de Istambul, que vive cercado por crianças órfãs ou abandonadas pelos pais, dentro de cortiços. Um dia, ele descobre em meio ao lixo um garotinho de 8 anos de idade, Ali, que foge do padrasto abusivo. Mehmet decide protegê-lo, mas este encontro revelará traumas em sua própria infância.

Li, a propósito, uma bela resenha do crítico de cinema Bruno Carmelo, em que ele diz que “Filhos de Istambul” (2021) é um filme estrelado por homens tristes porque cresceram sem o carinho das mães, e hoje sofrem com graves problemas psicológicos decorrentes do trauma. E conta que, no filme, o pequeno Ali (Emir Ali Dogrul) sente saudades da mãe. Quando foge de casa para escapar aos maus-tratos do padrasto, ele encontra abrigo junto a Mehmet (Çagatay Ulusoy), um catador de papelão que também possui traumas familiares. O melhor amigo deste é Gonzales (Ersin Arici), homem órfão que tatuou uma mãe imaginária no corpo. Eles vivem sob os cuidados de Tehsin (Turgay Tanülkü), homem revoltado com o descaso em relação a tantas crianças turcas. Ao redor, vivem dezenas de garotos em situação de rua, abandonados pelas famílias.

Agora, com essas informações registradas, fiquei durante uma hora e trinta e seis minutos diante da TV para ver “Filhos de Istambul” (2021) e me emocionar com uma película realmente estrelada por homens tristes. No fundo, a dúzia de personagens constitui uma figura só, um emaranhado de subjetividades afetadas por questões sociais e psíquicas. Neste sentido, a tradução brasileira apresenta um bom título à obra: ao invés do nome original e internacional (“Vidas de Papel”), a Netflix Brasil opta por enxergar estes protagonistas em sua condição de filhos. Na ausência de mãe, pertencem à cidade, dormindo numa viela batizada, sem qualquer sutileza, de “Beco das Adversidades”.

A principal surpresa diante desta grande produção se encontra no trabalho de direção de fotografia. A miséria em países pobres dificilmente seria associada às cores neon, no entanto Serkan Güler transforma a convivência noturna no interior de cortiços num universo multicolorido que vai do lilás ao azul, passando pelo amarelo forte das lâmpadas noturnas e pelas vielas alaranjadas, tomadas por uma espessa camada de fumaça surgindo sabe-se lá de onde. A oficina de Mehmet, repleta de ratos e pedaços de lixo, é iluminada com esmero por frestas e luzes variadas, enquanto uma sauna reservada ao banho público de cidadãos pobres recebe o tratamento fotográfico de um santuário religioso. A direção de fotografia embeleza estes espaços com tantos recursos (estabilizadores de imagem, refletores, movimentos em todas as direções) que recai em algumas leituras mais prováveis: 1. A ideia de que, apesar da pobreza, o mundo está repleto de beleza por todos os lados, bastando procurá-la, 2. A sugestão de que personagens gentis devem ser filmados com gentileza, ou seja, com cuidado e artificialidades, 3. O desejo de filmar a sujeira sem o teor “desagradável aos olhos”, evitando estética do grito e da revolta.

Todos estes caminhos conduzem ao embelezamento da precariedade, também conhecido em terras brasileiras como “cosmética da fome”. Vem à mente diante da produção turca, o filme “Cidade de Deus” (2002), tanto pela câmera malabarista, correndo por avenidas e ruelas, quanto pela necessidade de embalar os corpos suados e as moradias decadentes numa estética aprazível ao público médio. Esta forma de cinema evoca boas intenções e ternura caridosa, ao mesmo tempo em que sugere o fatalismo: a realidade destas pessoas é

trágica, incapaz de mudança. Certamente não é sua culpa, caro espectador, nem da sociedade, da política, do governo, do sistema. Trata-se de propostas artísticas para aliviar a consciência burguesa, ao invés de promover a transformação social – em outras palavras, são obras que lamentam a pobreza, sem cogitar confrontá-la.

“Filhos de Istambul” transmite um olhar piedoso: há crianças abandonadas, pessoas pobres morrendo na fila do transplante de rim, crianças espancadas, dependentes de drogas e chorando a falta da mãe, mães espancadas chorando a falta dos filhos, mendigos brigando entre si por pedaços de papelão encontrado na rua. A vida realmente é uma droga. Mas fazer o quê, né?

Durante dois terços da projeção, o drama se mantém relativamente contido na condução da trama. As cores piscam belamente e os personagens sofrem chagas do espírito e do corpo, no entanto o diretor Can Ulkay permite que a união entre Mehmet, transformado em pai simbólico, e o pequeno Ali, se desenvolva em ritmo agradável, assumindo o caráter de fábula e disparando pérolas de autoajuda aqui e acolá. “Morrer não é o problema. Mas os sonhos que temos?”, lança um personagem. É uma pena que o ator mirim seja tão mal dirigido: o menino arregala os olhos e sugere felicidade com o exagero típico da atuação publicitária. O rosto levemente sujo pelo setor de maquiagem, as roupas assépticas e o posterior embelezamento do garoto condizem com a estratégia de maquiar a pobreza. Diante do pequeno ator, Çagatay Ulusoy possui uma prestação competente, transitando entre as funções de sofredor, patrão dos demais catadores, e malandro do bairro. (Curiosamente, em decorrência do trauma materno, nenhum destes homens ostenta desejo amoroso ou sexual. Os romances são inexistentes).

Ersin Arici também impressiona pela composição tragicômica do capanga limitado intelectualmente, em equilíbrio com o “avô” Tahsin, símbolo de sabedoria. Turgay Tanülkü possui tamanha força em cena, com a fala tranquila e os gestos seguros, que soa desperdiçado pela pequena participação.

O terço final coloca esta trajetória a perder. O melodrama sugerido pela estética contamina o roteiro com tintas gloriosas: há cenas de sofrimento em câmera lenta, mortes ao som de violinos, chuvas redentoras em situação de perigo, desaparecimentos no meio da rua, cenas de luta filmadas com câmera giratória etc. As figuras razoavelmente naturalistas da primeira parte se convertem em vítimas, mártires e heróis. A reviravolta final passa a ser explicada e reexplicada pelos coadjuvantes, para garantir que todos os espectadores tenham compreendido a simples guinada.

Ulkay conclui um cinema do paternalismo: ele é gentil com seus personagens, que considera pobres coitados, e terno com os espectadores, que estima pouco perspicazes. A direção se coloca no papel de pai, padre, juiz e professor, reforçando a lição de moral no fim de sua parábola. Embora não evoque diretamente o peso da religiosidade, o drama se assemelha a tantas obras de cunho religioso amplo, servindo a qualquer grande religião (cristianismo, judaísmo, islamismo). O discurso se compadece do mundo de sofredores, sugerindo que as pessoas aguentem estoicamente os golpes do destino incontornável. O desfecho constitui o cúmulo do conformismo em relação a Mehmet e Ali, que se sacrificam para nós, espectadores, em nome de nossa diversão e aprendizado virtuoso.

Haja coração para tantas obras clementes, ou em alguns casos, haja estômago.



Consagração dos irmãos maranhenses Murilo e Matias Dominguez na Copa Brasil de Kart 2025, uma das principais competições do calendário nacional da modalidade

Maranhenses brilham no Kart

O kartismo brasileiro viveu um momento inédito no último fim de semana com a consagração dos irmãos Murilo e Matias Dominguez na Copa Brasil de Kart 2025, uma das principais competições do calendário nacional da modalidade.

Na categoria Mini 2T, Murilo Dominguez sagrou-se campeão, enquanto seu irmão, Matias Dominguez, garantiu o vice-campeonato, ocupando a segunda colocação. Juntos, os irmãos protagonizaram uma chegada emocionante e cravaram um feito histórico ao dividirem o topo do pódio em uma mesma final – um marco raríssimo nas disputas de alto nível do kart nacional.

Com performances consistentes durante todo o campeonato, Murilo e Matias mostraram talento, foco e um entrosamento que chamou a atenção de fãs e especialistas do esporte. O domínio da dupla reforça o nome da família Dominguez como uma das promessas do kartismo brasileiro.

A conquista foi possível graças ao trabalho conjunto de toda a equipe técnica que acompanha os jovens pilotos. Os irmãos agradeceram ao time pelo suporte dentro e fora da pista, destacando a importância da preparação, do equipamento e da estratégia na campanha vitoriosa.

Os dois garotos são netos da empresária Évila Garcia Pinheiro.

Anuário da Cerveja 2025

A presidente do Sindicato das Indústrias de Bebidas, Refrigerantes, Água Mineral e Aguardente do Estado do Maranhão (Sindibebidas/MA) e diretora da Fiema, Tânia Miyake, participou ativamente dos eventos institucionais realizados em Brasília nos dias 4 e 5 de agosto, reforçando a representatividade maranhense na cadeia produtiva da cerveja.

Com apoio da Fiema, a líder sindical do setor de bebidas do Maranhão esteve presente no Lançamento do Anuário da Cerveja 2025 e na instalação da Frente Parlamentar da Cadeia da Cerveja, ambos organizados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), em parceria com o Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja (Sindicerv), a Câmara dos Deputados e a Prefeitura de Blumenau (SC).

Realizado no SESI LAB, em Brasília, o evento “Confraria Sindicerv” reuniu autoridades, lideranças setoriais e representantes da cadeia produtiva, reafirmando a força de um setor que continua se transformando.

Houve, também, o lançamento da Frente Parlamentar da Cadeia da Cerveja, iniciativa apoiada por quase 200 congressistas sob a coordenação do deputado federal Covatti Filho (PP-RS).

Anuário da Cerveja ...2

Dentre os destaques da publicação do MAPA, chama atenção o crescimento expressivo das cervejas sem álcool, que aumentaram 536,9% em volume de produção na comparação de 2024 com 2023.

“A evolução da cerveja 0,0% reforçam nosso compromisso com a diversidade de escolhas e com um consumo cada vez mais equilibrado e consciente”, afirma Márcio Maciel, presidente-executivo do Sindicerv.

Autoridades maranhenses como os deputados federais Hildo Rocha e Cleber Verde, além dos assessores dos deputados Marreca e Pedro Lucas e da senadora Ana Paula Lobato, lideranças setoriais e representantes da indústria nacional, foram visitados pela comitiva de representantes do setor cervejeiro e participaram do lançamento do Anuário.

Anuário da Cerveja ...3

A presença de Tânia Miyake fortaleceu o posicionamento do Maranhão como parte ativa nos debates sobre inovação, sustentabilidade e políticas públicas para o setor de bebidas, além da troca de experiências e representatividade da indústria maranhense no cenário nacional.

A agenda foi finalizada com uma visita à Exposição “40 Anos da Democracia – Entre Traços e Cores”, do artista Betto Pereira, que ocupa o Espaço Cultural Ivandro Cunha Lima, no Senado Federal. São 13 obras em acrílico sobre tela. Cada tela é acompanhada por uma música inédita, com letra de Josias Sobrinho e melodia do próprio Betto Pereira.

Arena Rock

A DUX Produções, uma das maiores empresas de entretenimento do Maranhão, promove, neste sábado (9), o festival Arena Rock, que reunirá no mesmo espaço muita boa música, comida e bebidas para todos os públicos, promovendo um encontro único de gerações e vertentes do rock nacional.

O festival, que é projeto autoral da DUX, reunirá no mesmo palco a energia do Skate/Punk/Rock alternativo do Charlie Brown Jr., o peso do Heavy Metal de Edu Falaschi e a intensidade do Emocore da banda Fresno, cujo álbum recente também foi destaque em listas de melhores do ano, além da banda de rock autoral maranhense Souvenir, que irá lançar seu novo álbum gravado na Suécia.

Será uma noite para celebrar a diversidade e a história do Rock em uma superestrutura, com abertura dos portões às 18h30min. O espaço contará com ativações, ampla área de bares e alimentação, além de toda organização que é característica da produtora.



NESTE SÁBADO (dia 9) é o noivado da Dra Irlane Moraes (médica cirurgiã) e Bernardo - carioca residente em São Paulo, onde trabalha no mercado financeiro. Irlane é filha da ex-prefeita de Rosário, Irlahi Moraes, que ao lado do marido Pedro Vasconcelos, abrirá as portas de sua residência, na Península da Ponta d’Areia, para homenagear o casal

Rede Economize

Na sexta-feira (8), São Luís ganhou uma nova unidade da Farmácia Economize, rede que mais cresce no Brasil no setor farmacêutico.

A nova loja fica na Avenida Jerônimo de Albuquerque, onde os empresários Amanda Everton e Ronaldo Sousa receberam para um coffee break, marcando a chegada da franquia na capital maranhense.

O evento de inauguração teve sorteio de brindes e uma programação especial para toda a família.

Resíduos orgânicos

Agricultores familiares, estudantes do ensino médio e universitários terão a oportunidade de aprender, na prática, como transformar resíduos orgânicos em composto para uso agrícola.

Neste sábado (9 de agosto), será realizada a Oficina sobre Compostagem de Resíduos Orgânicos, no Pátio de Compostagem da Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade Laranjeiras, localizada na Gleba Tibiri-Pedrinhas, em São Luís.

O evento será conduzido pelo pesquisador Antônio Carlos Reis de Freitas, da Embrapa Maranhão, e tem como objetivo apresentar os procedimentos corretos para o preparo de compostos orgânicos, destacando os cuidados essenciais durante o processo de compostagem.

Visita ao Porto

A Associação Comercial do Maranhão (ACM), com uma comitiva formada por diretores, membros do Conselho Superior da entidade e associados, realizou uma visita técnica ao Porto do Itaqui para conhecer toda a infraestrutura, os terminais e os desafios logísticos de exportação e importação do maior complexo de movimentação portuária e de cargas do país.

No local, a comitiva foi recepcionada pelo coordenador de visitas da Empresa Maranhense de Administração Portuária (Emap), Gilberto Mineiro, e o assessor de Comunicação do Porto do Itaqui, Paulo Ricardo Nunes.

A iniciativa faz parte do programa da ACM que tem entre seus objetivos estreitar relações institucionais da entidade e empresários maranhenses com agentes de grande relevância para o desenvolvimento econômico do Brasil.

Festival de Cinema

O Festival Guarnicê de Cinema, promovido pela Universidade Federal do Maranhão, encerrou sua 48ª edição na quarta-feira (6), com a tradicional Cerimônia de Encerramento e Premiação, no Basa Clube.

A noite celebrou os vencedores das mostras competitivas e especiais, com a participação de realizadores, convidados e público.

Ao todo, 89 filmes e vídeos competiram em oito mostras competitivas e 15 jogos digitais disputaram troféus na Mostra de Jogos Digitais.

Entre os destaques, estava o Prêmio Itaú Cultural Play, que concedeu R\$ 15 mil a um curta-metragem maranhense, com a presença do gerente da plataforma, Ricardo Tajra.

A Assembleia Legislativa do Maranhão também garantiu prêmios em dinheiro para produções locais vencedoras, em três categorias.



ROSELIS BARBOSA, Diretora do Departamento de Assuntos Culturais da Ufma, entrega o troféu Guarnicê de Cinema a Diego Janatã, um dos mais premiados da noite



MOACIR E DONIZETTE MACHADO marcaram presença na inauguração do Instituto Carlesso clínica especializada em implante capilar, de sua neta Thalita Machado Carlesso, na cidade de Uberlândia (Minas Gerais). Na foto, Vinícius Carlesso e esposa Thalita, entre os pais dela, Moacir Machado Júnior e Syene, e os avós Moacir Machado e Donizette



Arthur Benazzi e Natália com Saulo Martins



Fotos/Divulgação/Herbert Alves/Marcus Studio
Natalia Benazzi com Larissa Catossi (renomada arquiteta maranhense - a fachada externa da CAV é projeto dela) e o marido advogado Michael Ezeira



Natalia Benazzi e Diana Tavares

NOVO CARDÁPIO DA CAV

A CAV Bistrô, na rua dos Sambaquis, no Calhau, convidou um grupo especial de clientes para apresentar, na última terça-feira, um novo cardápio autoral com criações culinárias únicas, inovadoras e memoráveis, destacando a identidade do estabelecimento e a criatividade de sua equipe de cozinha.

O novo cardápio inclui pratos e bebidas exclusivos, utilizando ingredientes frescos e sazonais, e reflete as tendências gastronômicas atuais.

O resultado foi uma experiência gastronômica completa, proporcionada pelos proprietários Natália e Arthur Benazzi, e que envolveu todos os sentidos e estimulou a conversa sobre a culinária num ambiente muito bonito decorado pela arquiteta Larissa Catossi.

A proposta de Natália e Arthur é transformar a CAV numa Casa de Amigos e Vinhos. E fazem a apresentação das novas criações lembrando que “a melhor garrafa de vinho é a garrafa de vinho aberta. Aberta para o prazer. Inebriante e, por causa disso, propulsor de boas conversas, animador de convivências e paixões”.

E continuam: “Boas garrafas se oferecem para nos guiar a outros deleites, em viagens pela história, pela geografia, pelos vários ramos da ciência, pelos segredos das religiões e da literatura, pelas cores de todas as artes e, não raro, a uma assemblage disso tudo”.

E concluem a apresentação lembrando quae “a viagem dos deuses do vinho tem escala em toda boa mesa que é porto para o convívio, a tolerância e a amizade”.



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque com José Carlos Salgueiro



Rosário Saldanha com o Repórter PH e Carlismar Barros



Diego Rolim e Isabela Bezelga com os anfitriões



Pedro Guimarães Salgueiro e Carla



Tiago Sampaio, George Feitosa e Arthur Benazzi – todos apaixonados por vinho e estudiosos com curso de certificação internacional



Rosário Saldanha e seu filho Rafael



Apaixonados por vinho, Arthur Benazzi e Edmilson Riedel



José Carlos Salgueiro com o médico Flávio Roberto Santos e Silva e Diana Tavares



Com charme e elegância, Andrizia, Bruna e Diana Tavares

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Luzeuma Sousa estava mudando de idade e ganhou bolo com vela

SÁBADO NO GRAND CRU

A noite do primeiro sábado de agosto no Grand Cru teve sabor especial e muita gente badalada da sociedade maranhense pontificando em grande estilo. Teve de tudo: confraria de vinho que sempre se reúne no local nas noites de sábado, comemoração de aniversário (Luzeuma Sousa ganhou bolo, vela e coro de “parabéns pra você” e boa música na altura certa, o que permitiu animadas rodas de conversas até tarde da noite.



Plínio Túzzolo ao lado de Maria Helena Freitas Tomaz



O jovem Alzir Neto com a mãe aniversariante



Ricardo Miranda e Maria Luiza



José Márcio Soares Leite e Ana Lúcia



Amaro Santana Leite e Ana Lucia Albuquerque



Thatiana e César Bandeira



Malú e Miécio Dias



Kátia e Marcene Athayde Rocha



Alfredinho Dualibe, Guto Santos e Ibrahim Assub Junior



Mirella Parada Santos e Daniella Duailibe com Leonarda Assub

A LÍNGUA EM RISCO DE VIDA

Volta e meia, a imprensa patrocina a condenação de expressões clássicas do português e, em nome de uma lógica que não é formal nem dialética, as substitui por alguma genialidade de algibeira. Foi o caso de estar de férias, trocada por “estar em férias” – quando as duas expressões são aceitáveis. Puseram no índice também o dito “maiores informações”, tido como errado, substituído por “mais informações”. Ora, uma coisa não é maior que outra somente no tamanho, mas, também, no número, na grandeza, na importância, na qualidade. A troca demanda maiores reflexões. Igualmente censurada, caiu em desgraça nas redações a expressão “vezes menor”. Argumenta-se que uma coisa só pode ser tantas vezes maior (nunca tantas vezes menor) que outra, porque vezes significa adição. É lógica da matemática, não da língua. Pela lógica dos números, a frase “uma vez na vida, outra na morte” só comportaria duas (únicas) ações, mas é empregada com sentido de raramente, e ao longo de uma vida o que é raro, como pobre comer frango, pode ocorrer dúzias de vezes. Outra patacoada impenitente continua a ser a grafia de nomes de tribos indígenas com letra maiúscula e no singular, como “os Xavante”, comum em alguns jornais. De maneira que, já, já os filólogos de jornal podem copidescar o título do poema de Gonçalves Dias, de Os timbiras para “Os Timbira”. Não custa lembrar que Gonçalves Dias, indianista exaltado, foi estudioso das línguas indígenas, tendo preparado um dicionário de tupi. E o que dizer de “Antártida”, como às vezes escrevem o Estadão e a Folha, se a palavra vem de ártico, do grego arktos, e o continente de gelo foi batizado como oposto ao velho Ártico? Grandes autores abonam o vernáculo. Castro Alves, em Espumas flutuantes: “O antártico pólo de diamante...”. Camões, nos Lusíadas: “Do mar temos corrido e navegado / Toda a parte do Antártico e Calisto...”. A novidade das revisões intempestivas é “risco de morte” por “risco de vida”. Em muitos jornais de grande circulação, ninguém corre “risco de vida”, frase de clareza solar, indicadora de que a pessoa está em perigo. Na nova ordem linguística da imprensa, risco, só de morte. Não pensavam assim alguns artífices do idioma. O maranhense Aluísio de Azevedo, em O cortiço, escreveu: “Delperto e Pompeio foram varridos pela febre amarela e três outros italianos estiveram em risco de vida”. O cearense José de Alencar, em O guarani: “Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida”. Tais revisões não deixam de ser purismo, ou, pior, uma tentativa de interpretar a língua ao pé da letra. Pelo andar da carruagem, a imprensa vai banir palavras ou expressões que perderam o sentido literal, como anemia (ausência de sangue), tirar a pressão (vai dizer que tal procedimento mataria o paciente...) ou alpinismo, que, como indica o étimo, era montanhismo exclusivo dos Alpes.

Alicia Cohim/Divulgação



Fonte: Agência Brasil

Bailarino brasileiro Marcos Sousa, contratado da Ópera Nacional de Paris

UM MARANHENSE NA PONTA DOS PÉS

O bailarino maranhense Marcos Sousa, 18 anos de idade, é o primeiro brasileiro a ter um contrato vitalício para integrar o corpo de baile da tradicional Ópera Nacional de Paris, uma das companhias de balé mais destacadas do mundo.

Marcos se prepara para voltar à capital francesa e começar uma nova etapa da sua carreira de sucesso.

Antes dessa vitória, no entanto, precisou enfrentar muitos desafios, mas sempre com a certeza de que o balé era fundamental na sua vida e era assim que poderia conquistar plateias fora do Brasil. Perseverança foi algo que nunca faltou ao jovem maranhense.

Quando ainda menino, na cidade de Grajaú, interior do Maranhão, Marcos Souza já dava sinais de como seria o seu futuro: se divertia dançando em quadrilhas juninas.

Descoberto por Timóteo Cortez, coreógrafo da quadrilha da cidade de Grajaú, foi convidado a dançar em uma academia da sua cidade quando tinha 10 anos. Chegou a parar por um ano, até que recebeu novo convite para voltar à dança e fazer aulas na academia, com possibilidade de participar de uma pré-seleção, em São Luís, da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, em 2019. Agora, com 12 anos.

“Fui para São Luís para a pré-seleção, passei para a seleção final em Joinville [Santa Catarina]. Em outubro de 2019, fiz essa audição, passei, e deu tudo certo”, disse à Agência Brasil.

Em 2020, começou os estudos na Escola Teatro Bolshoi no Brasil, e no primeiro ano estava sozinho porque a mãe não pôde ir. Era a primeira vez que ficava distante da família.

“Morar longe da minha família, com novas pessoas, pessoas diferentes, e distante, foi bem difícil para mim”, lembra.

Marcos enfrentou outra barreira no período da pandemia da covid-19. Com apenas dois meses de aulas, teve que enfrentar tudo sozinho.

“Nessa época, eu já estava sem minha família, lugar novo, pessoas novas, escola nova e pandemia, foi bem difícil, mas deu tudo certo nesse primeiro ano”, disse.

Passada essa fase, já integrado na escola, passou a ter a companhia da mãe, que se mudou para Joinville em 2021.

Em setembro de 2023, Marcos



Bailarino Marcos Sousa, fazendo um ensaio na Torre Eiffel

realizou um grande sonho, que era estudar na École de Danse de l'Opéra National de Paris, escola vinculada à tradicional Ópera Nacional de Paris, que junto com o Escola do Teatro Bolshoi estão no topo da sua classificação pessoal como as melhores.

O bailarino percebeu que naquele momento estava pronto e queria explorar novos horizontes. E decidiu enviar um e-mail “bem abusado mesmo”, porque, segundo ele, na verdade, não é esse o procedimento.

Na mensagem, em inglês, enviada em 2022, perguntava à direção da Escola de Dança da Ópera Nacional de Paris, se teria possibilidade de fazer uma audição. Mesmo sem receber resposta, não perdeu a esperança e enviou outro e-mail, dessa vez, em francês, em fevereiro de 2023, novamente perguntando sobre a possibilidade de fazer uma audição e dizendo que tinha interesse na escola que era seu

sonho. Finalmente recebeu uma resposta, com um pedido dos franceses que encaminhasse um vídeo com uma série de exercícios que deveria fazer, para avaliarem.

“A resposta veio no dia do meu aniversário, em 5 de abril de 2023. Recebi a resposta dizendo que eu tinha uma audição em Paris, e aí, eu soube que ia para Paris. Cheguei na lua muito, muito, muito. Foi tipo de manhã, abri no meu telefone a caixa de e-mail e tinha lá a notificação, em francês. Eu falei que já sabia o que era”, contou, animado, em detalhes.

A ida para a capital francesa para a audição foi na companhia de Germana Saraiva, a primeira professora que teve na Escola Teatro Bolshoi no Brasil.

“Convidei ela, porque é uma pessoa que tenho muita confiança. Foi minha primeira professora no Teatro Bolshoi, uma pessoa que tenho um vínculo muito grande. Ficamos cinco dias em Paris, fiz a audição e deu tudo certo”, disse.

Obstáculo

Como o caminho era sempre com muitos percalços, nesse momento também enfrentou um grande problema. Quatro dias antes da audição teve uma entorse no pé direito.

“Me desmotivou muito. Fiquei muito triste, mas como estava tudo comprado, hotel, passagem de avião, eu não ia desistir assim no meio do caminho. Ia de qualquer forma. Lutei muito para conquistar, e disse ‘vamos’ tentar o meu sonho. Fui depois de muitos cuidados dos terapeutas da Escola Bolshoi, que sempre me ajudaram, sou muito grato”, revelou.

A formação técnica baseada na metodologia russa realizada em 5 anos da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil o permitiu mostrar à escola francesa a sua capacidade no balé clássico.

“Cheguei lá e era um método diferente, língua diferente, pessoas diferentes, e foi bem difícil a audição. Fiz a aula, no final a diretora da escola, Elizabeth Platel, me chamou na salinha dela e me falou que eu tinha sido aprovado. Eu pensava que não seria aprovado nessa audição, porque não tinha sido boa a minha aula, estava com o pé torcido, tinha tomado medicamentos para não sentir dor no pé, e aí veio a resposta que eu ia começar em setembro, na terceira divisão”, lembrou, explicando que pelo sistema da escola os pequenos bailarinos começam na sexta divisão e seguem até a primeira, onde estudam os bailarinos de mais idade.

De acordo com Marcos, o primeiro ano na escola parisiense foi de grande dificuldade, em um lugar em que tudo era novo.

“Batalhei muito. Nos primeiros meses chorava de saudade dos meus amigos de Joinville, mas mesmo assim não me desmotivava. O primeiro ano passou, comecei a falar francês, fiz vários amigos”.

Pelo esquema da escola, o ano letivo começa em setembro e vai até o mês de julho seguinte. Por causa do seu talento, o bailarino, que começou na terceira divisão, conseguiu reduzir o tempo de duração do curso de 3 para 2 anos.

“No meio do ano letivo, a diretora da escola e meu professor da época me informaram que eu tinha pulado de série, porque estavam muito felizes com minha evolução. Ela via que eu estava querendo evoluir e fazer parte, realmente, desse trabalho que eles

faziam comigo. Fiquei muito feliz, porque via que meu trabalho estava sendo recompensado e na direção correta”, disse.

Na temporada 2024/2025, último ano da escola, novamente Marcos teve que enfrentar problemas. Em novembro de 2024, teve uma lesão no ligamento do tornozelo esquerdo, que o obrigou a ficar sem dançar durante 2 meses.

Apreensivo, com esforço e vontade de recuperar o tempo perdido, Marcos voltou a dançar no final de janeiro de 2025.

“Mas não era sobre isso, era sobre eu me acalmar, fazer as coisas direitinho, no meu tempo. Aí depois veio o espetáculo de fim de ano em abril de 2025, dancei com um outro brasileiro, no palco da Ópera Garnier, em Paris, o João Pedro Silva, a gente fez um duo. A diretora disse que nos colocou juntos porque via que tínhamos uma energia diferente, tinha uma sintonia ali”, lembra, acrescentando que João Pedro, um paulista que morava em Goiânia antes de ir para Paris.

Com 18 anos e em fim de curso na Escola de Paris, veio a preocupação de ter que arranjar um emprego para se manter na capital parisiense.

“A escola aconselha a gente a fazer audições externas em outras escolas e eu fiz com as minhas amigas. A gente foi para Amsterdã, eu fui, inclusive, para Moscou, para o Teatro Bolshoi. Aí chegou o concurso para a entrada para corpo de baile do Balé da Ópera Nacional de Paris, que foi no dia 28 de junho de 2025”, detalhou.

Para a apresentação, um professor da Ópera Nacional de Paris passa uma aula para o pretendente fazer uns exercícios em 45 minutos, sem utilizar as barras, só fazendo centro e saltos, além de uma variação, que significa um trecho de um balé dançado sozinho, um solo. No caso dele, foi de A Bela Adormecida, da versão do famoso e renomado bailarino e coreógrafo russo Rudolf Nureyev.

Marcos contou emocionado que, no final, o resultado é exposto em uma folha colada na parede com a lista dos aprovados.

“Esse ano passaram três meninos, eu e mais dois, e quatro meninas da minha turma. Foi uma emoção muito grande e eu estava com muita ansiedade”, recordou.

“Na hora que veio o resultado não conseguia acreditar de tanta emoção. A primeira pessoa que eu liguei foi minha mãe, obviamente,

que é minha rainha, a pessoa que sempre me apoiou. Depois liguei para a professora Germana Saraiva. Até hoje estou sem acreditar que sou o primeiro homem brasileiro com contrato vitalício com o corpo de baile do Balé da Ópera Nacional de Paris. Passa um carrossel na minha cabeça”, revelou.

Marcos entrou em férias para rever amigos em Joinville, e na sequência encontrar a mãe na cidade de Grajaú, no Maranhão.

Para o diretor-geral da Escola Bolshoi, Pavel Kazarian, ao considerar que mais de 70% dos alunos formados na instituição no Brasil estão empregados na área de dança, é possível “perceber que a arte muda a vida de crianças, de seus familiares e da comunidade ao redor”.

A próxima temporada da companhia da Ópera Nacional de Paris começa no dia 26 de agosto, e Marcos tem retorno previsto para o dia 20 de agosto, quando vai se preparar para o começo do trabalho no seu lugar de sonho. O balé de abertura da temporada será o Giselle, mas o bailarino ainda não sabe o papel que representará.

“Eu gosto muito desse balé Giselle, mas nunca dancei na minha vida. Sempre assisti. Vai ser uma experiência ótima”, avalia.

Escola Bolshoi

A Escola do Teatro Bolshoi no Brasil é um projeto cultural que tem influência social, cultural e educacional, representando uma ponte na área cultural entre o Brasil e a Rússia. Começou a funcionar em 15 de março de 2000, em Joinville, sendo a única extensão do Teatro Bolshoi fora da Rússia, e a primeira vez que o Bolshoi transfere o método de ensino de balé, que o tornou uma das mais destacadas instituições do mundo, a outro país.

“Com 25 anos de implantação no Brasil, a primeira Escola do Teatro Bolshoi, educa cerca de 260 alunos do Brasil e países como Argentina, Panamá, Paraguai e Rússia, sendo 54% meninas e 46% meninos. A instituição concede 100% de bolsas de estudo para todos os alunos”, informou o Teatro Bolshoi no Brasil.

O projeto conta com os Amigos do Bolshoi para manter as atividades, incluindo o apoio de empresas e pessoas físicas, por meio de serviços, patrocínios diretos ou incentivos fiscais.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves/Marcus Studio



Sérgio Bogéa Filho



Letícia Fecury Pinheiro



Gabriela Gama



Fernanda Oliveira

ECOS DAS BODAS DE OURO DE VIRGÍNIA E ROBERTO

Falar várias vezes de uma celebração de Bodas de Ouro de uma união duradoura e feliz é relembrar uma vida inteira de construção, amor e conquistas de um casal que durante meio século foi fiel, cúmplice, se respeitou e cresceu junto.

A palavra boda vem do termo em latim “vota”, que significa promessa. Por isso, na tradição dos votos de casamento, o casal faz promessas durante a cerimônia. Virgínia e Roberto Albuquerque ainda saboreiam as expressões de carinho manifestadas por centenas de amigos. As Bodas de Ouro do

casal celebraram não somente os 50 anos de seu casamento, mas foi um marco significativo que simboliza a riqueza e nobreza da união duradoura. E eles souberam aproveitar a ocasião especial para celebrar o amor, a cumplicidade e a fidelidade que resistiram ao tempo.



José Fecury Neto e Ludmilla, João Nunes Neto, Letícia e Gabriel Castro Pinheiro



Felizes numa noite de magia e encantamento, Virgínia e Roberto Albuquerque



Flávia e Antonio Gaspar (presidente da Associação Comercial do Maranhão)



Benjamin Franklin Alves e Vanuza com Georgina Rodrigues e o desembargador Eulálio Figueiredo



Célia Rossetti (assinou o buffet da festa), Miguel Mohana Pinheiro e Isabela Murad



Vanessa e Thiago Antonio Pires Ferreira



Morango do amor premium: confeitiro do Maranhão lança versão de R\$ 2.100 e conquista celebridades

MORANGO DO AMOR PREMIUM

O que você faria com R\$ 2.100? No mercado atual da confeitaria de luxo, esse valor pode te render... uma caixa com oito morangos do amor. Não, você não leu errado. A sobremesa com cara de festa junina ganhou uma releitura glamourosa pelas mãos de Denilson Lima, um jovem confeitiro que conquistou o paladar e os olhos de celebridades e clientes de alto padrão com criações que são tão bonitas quanto saborosas.

De São Luís para São Paulo, passando por muita ousadia, criatividade e açúcar, Denilson criou uma nova narrativa para um dos doces mais tradicionais da cultura popular. E o que parecia impossível aconteceu: o morango do amor virou símbolo de status.

O confeitiro que transformou o morango em joia comestível

Natural da Paraíba e criado no Maranhão, Denilson Lima, hoje com 27 anos, aprendeu com a avó os primeiros passos na confeitaria. Foi em São Luís que ele teve contato com os bolos simples, vendidos em tabuleiros e guardados em caixas de isopor. Mas foi em São Paulo que suas ideias tomaram forma e brilho.

Aos 19, mudou-se para a capital paulista, onde fundou seu ateliê, hoje um dos mais requisitados entre clientes de luxo.

Camila Queiroz, Di Ferrero e Silvia Braz estão entre os nomes que já encomendaram suas criações. Sua fama cresceu com ovos de Páscoa no estilo Fabergé, verdadeiras esculturas de chocolate, cujos preços chegaram a R\$ 15 mil. Agora, ele aplicou essa mesma lógica ao morango do amor, criando uma nova febre: a caixa com oito unidades custa R\$ 2.100 e tem fila de espera.

“Era muita gente me marcando, mandando mensagem, perguntando quando sairia o ‘meu’. Nunca vi nada igual”, contou Denilson à revista Forbes.



São muitos os famosos que já provaram e aplaudiram a novidade

Em menos de 24 horas após o lançamento, o ateliê recebeu mais de 400 mensagens. Hoje, ele afirma ter ultrapassado 3 mil solicitações. “A produção bate o limite diário todos os dias, e mesmo assim os pedidos continuam.”

Os morangos são revestidos com uma fina camada crocante de caramelo e decorados com joias feitas de açúcar isomalt, inspiradas nos famosos ovos dos czares russos. Os recheios também são sofisticados: brigadeiro belga, brigadeiro cremoso de leite ninho e brigadeiro de maracujá. Um verdadeiro desfile de sabores e de ostentação.

Entre os famosos que já

provaram a novidade estão Lucas Rangel, Silvia Braz e o influenciador Marcos Souza, que acumula mais de 800 mil curtidas no TikTok só com conteúdos relacionados à sobremesa.

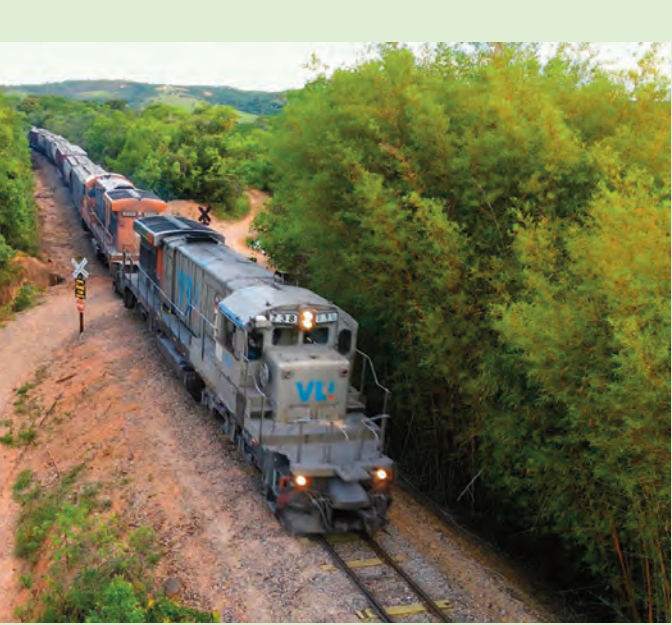
Segundo o ateliê, “cada unidade da linha premium é feita com ingredientes selecionados, acabamento artesanal e um brilho que impressiona”. Para quem prefere algo mais acessível, também há a versão “simples” do morango do amor: seis unidades por R\$ 240.

Em média, um morango do amor custa entre R\$ 15 e R\$ 25. Mas o que faz alguém pagar R\$ 2.100 por oito unidades de um doce tradicional? A resposta talvez esteja no cruzamento entre

desejo, exclusividade e internet.

O lançamento da linha de Denilson coincidiu com uma explosão de popularidade do doce nas redes sociais. No TikTok e Instagram, vídeos sobre o morango viralizam com milhares de curtidas. E foi exatamente aí que a confeitaria ganhou ainda mais destaque.

O morango do amor virou trend, virou símbolo de desejo e virou meme. Para Denilson, tudo isso faz parte de uma lógica que vai além do sabor. “Hoje, mais do que ter um bom produto, é sobre saber narrar, emocionar, conectar. E eu entendi cedo esse papel. Me vejo bem posicionado nessa nova economia da criação”, disse ele à Forbes.



O TREM VAZIO DO DESTINO

Vocação não basta, é preciso arrumar as malas, despedir-se do seu mundo, gastar sapato até a via férrea e lá pegar o trem que passa sem te dar a colher da marcha lenta. Já exausto, você corre junto aos vagões e gasta sua última força para alcançá-los, imaginando o pior: que faria a viagem de pé, pois não haveria mais lugares vagos.

Mas como na porta inacessível da história citada em O Processo, de Kafka, não existe ninguém mais tentando entrar naquele conjunto de rodas barulhentas. Ele foi feito só para ti e seria perdido para sempre se não tivesses tomado a decisão correta na hora certa.

Lembro ainda como se fosse hoje, do rosto do meu pai contraindo-se quando apareci em pleno ano letivo, de cabelo comprido, vestido jeans e camiseta, bem na hora da almoço. Sentei no chão enquanto o que restava da família naquela época ainda estava na mesa. Minha mãe fez seu gesto típico de preocupação e mudo desespero, que era o de colocar a mão espalmada cobrindo metade do rosto, de cotovelo dobrado, enquanto seu olhar perdia-se em melancólica observação. Tinha enfim um filho perdido. O mesmo que alcançara as melhores notas, que fizera primeira comunhão vestido de branco com uma fita dourada no ombro, de cabelo engomado e uma grande vela acesa na mão, quando entrou com seus colegas na nave mãe da igreja de São Sebastião, sob os olhares das magníficas pinturas da Irmã Assunta, aquelas obras que tinham me criado, embalado e até hoje me inspiram em deslumbramento e orações. Aquele mesmo menino que tinha colocado um terno de linho branco para saudar o Ano Novo, e que cumpria horário comercial nos estudos, das oito ao meio dia no colégio, e das duas às seis da tarde, com intervalo para o café às quatro e meia. Pois o garoto que fazia poemas agora estava matando aula, justificando sua atitude bárbara com o papo furado de que estudava jornalismo, portanto precisava correr mundo para poder escrever sobre ele.

Eu sabia que era tudo mentira. Estava lá só para dizer para os meus pais quem eu era, o cara que tinha escolhido uma “profissão” (ou seja, um ofício digno de ser exercido), a poesia, que estava por contingência numa faculdade, e que acabara de atravessar o campo de Perizes, cheio de sonhos de menino rebelde vivendo longe de sua cidade e de seus pais. Não havia heroísmo, havia erro: poderia ter escolhido uma forma mais humana e adulta de me comportar, mas eu estava vivendo o esplendor irreverente dos 19 anos e nada nem ninguém poderia me impedir.

Hoje, lembro dos meus pais, e rezo por eles: quem merecia um filho desses, a não ser eles mesmos, amorosas criaturas do Bem, que tudo me deram, inclusive aquela liberdade que fui exibir na minha toska irresponsabilidade de menino crescido?

Se você deixar fora da sua bagagem o veneno do ressentimento, poderá enxergar o horizonte que se abre à sua

frente quando tudo parece perdido. Na nossa sociedade sem fundos, temos a tendência de colocar a culpa nos outros, mas basta um mergulho rápido em você para entender que o único problema aqui é você mesmo. Isso tem tudo para ser literatura de autoajuda, mas não passa de verdade simples, pois sobram exemplos diários de como o talento se desperdiça em ódios internos, como a falta de reconhecimento acaba minando a esperança e a alma, e como ver alguém subir como um balão de gás para alturas maiores costuma encher as pessoas de supremo horror, como se tudo estivesse perdido e o fracasso fosse definido no berço, como se não houvesse vontade e o destino maior não passasse de algo inacessível.

Nosso destino é único e ninguém nos tira. Precisamos apenas trabalhar a seu favor. Escrever como se fosse a última palavra, caminhar para longe de todos os refúgios, abraçar até cansar as pessoas que nos cercam e enxergá-las sempre no que elas tem de melhor.

Volto à história de Kafka: “Diante da Lei está um guarda. Vem um homem do campo e pede para entrar na Lei. Mas o guarda diz-lhe que, por enquanto, não pode autorizar-lhe a entrada. O homem considera e pergunta depois se poderá entrar mais tarde. “É possível” – diz o guarda. – Mas não agora!”. O guarda afasta-se então da porta da Lei, aberta como sempre, e o homem curva-se para olhar lá dentro. Ao ver tal, o guarda ri-se e diz. – “Se tanto te atrai, experimenta entrar, apesar da minha proibição. Contudo, repara, sou forte. E ainda assim sou o último dos guardas. De sala para sala estão guardas cada vez mais fortes, de tal modo que não posso sequer suportar o olhar do terceiro depois de mim. Durante anos seguidos, quase ininterruptamente, o hoticia/omem observa o guarda. Esquece os outros e aquele afigura ser-lhe o único obstáculo à entrada na Lei. Antes de morrer, acumulam-se na sua cabeça as experiências de tantos anos, que vão todas culminar numa pergunta que ainda não fez ao guarda. – “Que queres tu saber ainda?”, pergunta o guarda. – “És insaciável. Se todos aspiram a Lei”, disse o homem. – “Como é que, durante todos esses anos, ninguém mais, senão eu, pediu para entrar?”. O guarda da porta, apercebendo-se de que o homem estava no fim, grita-lhe ao ouvido quase inerte: – “Aqui ninguém mais, senão tu, podia entrar, porque só para ti era feita esta porta. Agora vou-me embora e fecho-a”. Ao contrário dessa porta, o trem do destino é acessível. Mas não para se você levantar os braços. E se algum guarda tentar te impedir, atente: aquela é a única viagem a ser feita”.

Houve uma explosão de visitas no Dia do Amigo. Fiquei impressionado e emocionado com a carinhosa recepção dos contrâneos, especialmente dos que não conheço e que agora fazem parte de mim. Isso prova que vim para ficar, e crescerei como as árvores nascidas para dar fruto e sombra, e que espalham sua presença como a figueira e o umbu no sertão.



Bhaskar, irmão gêmeo de Alok, despontou na cena eletrônica global ao quebrar barreiras musicais



Sets de Sterium mergulham o público em atmosferas densas, hipnóticas e transcendentais

Aura e a celebração da música eletrônica do Espaço 77

Um dos eventos de música eletrônica mais aguardados deste ano em São Luís será realizado neste sábado (9), às 22h, no Espaço 77, no bairro Araçagi, com uma paisagem estimulante. É a festa Aura, uma produção da Triplíce (@tripliceprod), sob o comando do produtor Halan Freitas.

Halan está deixando os amantes desse gênero musical em São Luís ansiosos, pois o line-up é poderoso, a começar pela presença estrelada de Bhaskar, irmão gêmeo do famoso DJ Alok, que vai arrancar aplausos de quem marcar presença.

Além dele, tem Evokings e Sterium, outras duas grandes atrações nacionais do evento. De São Luís, os convidados são Blémme e Jovique, bastante conhecidos na noite ludovicense no que diz respeito a eventos

dessa área. Ou seja, a pista do Espaço 77 vai virar um verdadeiro templo da música eletrônica.

Bhaskar e o progressive house

Bhaskar, DJ, produtor e artista, despontou na cena eletrônica global ao quebrar barreiras musicais. Suas turnês por toda a Europa consolidaram uma base de fãs fieis, enquanto suas faixas mesclam a energia do progressive house com a precisão do melodic techno, atingindo o Top 4 e o Top 5 na Beatport.

Colaborador de Dubdogz, Wankeimut, Lucas Estrada, Anitta e de seu irmão gêmeo, Alok, Bhaskar já incendiou palcos em eventos icônicos, entregando sets que unem técnica refinada e paisagens sonoras inusitadas.

Imersões sensoriais de Sterium

O público que quer prestigiar a Aura também está ansioso para ouvir Sterium, com performances que são verdadeiras imersões sensoriais. Ele tem conquistado pistas e mentes por onde passa. Seus sets mergulham o público em atmosferas densas, hipnóticas e transcendentais, onde cada batida parece invocar símbolos esquecidos e o tempo simplesmente colapsa.

Pioneirismo de Evokings

Tem, ainda, Evokings, com mais de 800 mil ouvintes mensais no Spotify e acumulando 47 milhões de streams na plataforma. Trata-se de um projeto pioneiro do movimento “Nu House”, uma mistura de Tech House, Nu Disco e Deep House.



Evokings tem projeto pioneiro do movimento “Nu House”, uma mistura de Tech House, Nu Disco e Deep House



O produtor cultural Halan Freitas assina a festa Aura, uma iniciativa da produtora Triplíce



Thayna Nunes, Débora Campos e Rafaela Braid na solenidade do Agosto Dourado

Lacmar é homenageado na abertura do Agosto Dourado

Em um gesto de reconhecimento ao compromisso com a promoção do aleitamento materno, o Laboratório Lacmar foi homenageado na abertura oficial da campanha Agosto Dourado, promovida pela Secretaria de Estado da Saúde.

A solenidade marcou o início das atividades da campanha, cujo tema deste ano é “Cada gota carrega uma esperança”, reforçando a importância vital da amamentação para o desenvolvimento infantil e para a saúde pública.

O laboratório foi agraciado com Certificado de Reconhecimento às suas ações de incentivo e apoio ao aleitamento materno. A instituição se destaca por oferecer, na unidade do Renascimento, uma sala especial destinada a mães lactantes.

Representando o laboratório na cerimônia estavam Rafaela Braid, que falou em nome da diretoria, e Thayna Nunes, coordenadora do setor pré-analítico. Ambas destacaram o orgulho da instituição em contribuir com a causa e reafirmaram o compromisso com a saúde da mulher e da criança.



Rodrigo Chaves Lima entre Fernando Coelho, que comanda o Negócios & Vinhos, e Almistron Marinho, proprietário da AmoVinho

AmoVinho recebe proprietário da Diverno

A AmoVinho Bistrô & Adega, charmoso restaurante e casa de vinhos instalado no Parque Shalon, realizou mais uma edição do projeto Negócios & Vinhos.

Desta vez, o convidado especial do mediador Fernando Coelho, diretor do Instituto Experiência do Cliente, para o Negócios & Vinhos foi o CEO da sorveteria Diverno, Rodrigo Lima.

O tema foi “Empreendedorismo em negócios gastronômico

O empresário Rodrigo Chaves Lima começou a empreender com “A Kaska”, uma sorveteria que comercializava sorvetes produzidos com máquina de soft. Na época, o negócio era bastante promissor e ele chegou a ter 7 pontos de venda, mas com a crise em 2014 teve que repensar a estratégia.

Após viagens para conhecer gelaterias do mundo todo, identificou que São Luís precisava de um lugar diferenciado e a primeira Diverno foi aberta no bairro Renascença, rendendo grande sucesso.



O almoço do Dia dos Pais na Villa do Vinho Bistrô terá pocket-show do Sibeles Jazz Trio

Sibeles Jazz Trio no almoço do Dia dos Pais

Neste domingo (10), o restaurante Villa do Vinho Bistrô, comandado pelo chef e empresário Werter Bandeira, prepara uma experiência inesquecível para o Almoço de Dia dos Pais. O bistrô abrirá as portas com decoração especial, novidades no cardápio e uma atração musical: o pocket-show do Sibeles Jazz Trio.

Das 12h às 15h, o almoço será embalado pelo melhor do jazz, interpretado com elegância pela voz de Carla Sibeles, acompanhada pelos músicos Deivaldo França e Cleuton Silva.

Além da trilha sonora sofisticada, o bistrô está com novos pratos e sobremesas em seu já delicioso menu contemporâneo, que poderão ser pedidos à la carte. Drinks autorais, vinhos selecionados e um atendimento acolhedor completam a receita para um domingo memorável em família.